

CDU 069:001.2

MUSEOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE*

Edson Nery da Fonseca

Não sendo museólogo, só posso atribuir o convite para esta conferência ao ditado popular segundo o qual o feitiço vira sempre contra o feiticeiro. Foi por haver estranhado a omissão, no temário deste encontro, de um tópico sobre a relação da museologia com outras ciências e artes que acabei sendo convocado para abordá-lo. O que lamento não poder fazer com a profundidade que tema tão fascinante requer por me faltar, além do “engenho e arte” a que se referia o poeta maior da língua, tempo indispensável à releitura de tudo o que venho reunindo, há muitos anos, sobre cruzamento de ciências naturais e culturais, tanto entre si como com as letras, as artes e as tecnologias, sem esquecer a História e a Filosofia, que se destacam de todos os campos do conhecimento por terem, além de seus objetivos específicos, o condão de testemunhar e interpretar cada um deles, como instrumentos indispensáveis ao conhecimento do conhecimento, naquilo que Aristóteles considerava como a mais alta forma de atividade intelectual — o pensar a respeito da própria atividade pensante — e Mortimer J. Adler definiu, em nossos dias, como “o saber consciente de si mesmo”.

Bem sei que, como elementos essenciais da cultura de massa de nossa época — a observação é de Abraham Moles e Claude Zeltman — os museus têm problemas complexos, como, por exemplo — colhido este na obra monumental de Moles e Zeltman *La Communication* — o de calcular-se a quantidade dos acervos segundo o logarítmo do número de obras expostas, sua qualidade conforme o logarítmo do valor unitário médio das mesmas e sua apresentação de acordo com uma escala numérica de fatores como conservação, emolduramento e ilu-

* Conferência lida no auditório Benício Dias, do Museu do Homem do Nordeste, durante a realização de um Congresso Nacional de Museologia, em 1982.

minação de cada peça, tanto quanto o espaço que lhe deve ser atribuído, desde o metro e meio reservado num corredor ao quadro de um pintor secundário, passando pela sala inteira a que tem direito, na Galeria Nacional de Washington, "O Sacramento da Última Ceia" de Salvador Dalí, até o edifício anexo que o Museu do Prado destinou ao "Guernica" de Picasso.² De modo que aos museólogos só restaria a alternativa de discutirem, em seus congressos, problemas estritamente museológicos, museográficos e profissionais.

Existe nesta opção um perigo que ameaça tanto a museologia como outras atividades, inclusive a minha: o do enclausuramento dentro de absurdas fronteiras profissionais e profissionalizantes. Vejo pela imprensa que os museólogos anseiam por uma legislação profissional. Se for semelhante à que define a profissão de bibliotecário e regula seu exercício, sinto-me tentado a exclamar como os tribunais eclesiásticos: *anathema sit!* Porque um engano fundamental caracteriza esta e outras leis com as quais procura-se menos o aperfeiçoamento do que a *soi-disant* defesa da profissão contra os que não se bacharelaram pelo respectivo curso: o engano de seguir em tudo o modelo da legislação relativa a médicos e engenheiros. Esquecem que ao vedar o exercício da Medicina ou da Engenharia aos que não são médicos ou engenheiros o objetivo que a lei persegue não é a defesa dessas profissões e sim o bem comum, comprometido pela ação nefasta dos impostores.

É verdade que várias tragédias individuais e coletivas — como as provocadas pelos chamados "acidentes anestesiológicos" ou pelo desmoronamento de barreiras e viadutos — vêm sendo creditadas a doutores de anéis nos dedos e diplomas nas paredes; mas são casos excepcionais que a própria legislação prevê e procura coibir com sanções exemplares.

Não percebo como o bem comum ficaria prejudicado com a nomeação de um antropólogo e não de um museólogo para dirigir o Museu do Índio; ou a de um historiador para dirigir o Museu Imperial; ou a de um crítico de artes plásticas para dirigir o Museu Nacional de Belas-Artes. Lembro-me, a propósito, da observação de um dos maiores estadistas franceses de todos os tempos: Georges Clémenceau. Com a autoridade, que jamais lhe poderia ser negada, de quem acumulou, durante a primeira conflagração mundial, os cargos de *premier* e ministro da Guerra, unificou os comandos aliados e acabou congnominado "o pai da Vitória", Clémenceau disse esta frase recolhida por André Suarès em seu livro *Soixante Années d'Histoire Française*: "La guerre ! C'est une chose trop grave pour la confier à des militaires".

Não: esta não é, de modo algum, uma frase que ofenda os militares, pois eles sabem muito bem quanto dependem de outras categorias profissionais. A própria segurança nacional é atribuída, na famigerada lei que a conceitua e disciplina, a todos os brasileiros e não apenas aos membros das forças armadas. O que Georges Clémenceau defendeu com esta luminosa observação foi — nada mais, nada menos — do que o diálogo interprofissional. Qualquer matéria — acrescenta-se ao insigne político e escritor — é grave demais para ser confiada a uma só profissão.

O planejamento de cidades é problema complexo demais para ser resolvido apenas por urbanistas. Lembre-se, a propósito, que Sir Patrick Geddes vai

além. Tendo-se especializado inicialmente em biologia, esse notável pensador — inglês pelo nascimento, mas verdadeiro *uomo universale* — levou para a sociologia — ciência de que foi professor em várias partes do mundo — a convicção de que o desenvolvimento das comunidades humanas é primariamente biológico. Suas obras *City Development* (1904) e *Cities in Evolution* (1915) o consagraram como autêntico filósofo do planejamento urbano. Insuspeitíssimo, portanto, para proclamar que “a organização da vida urbana não pode ser confiada exclusivamente aos engenheiros mais competentes ou aos estetas mais refinados, nem aos médicos ou aos pedagogos mais eminentes, nem aos representantes mais idealistas ou mais realistas das classes dirigentes”.³

Na mesma linha de raciocínio, podemos dizer que o desenvolvimento nacional ou regional é problema complexo demais para ser resolvido apenas por economistas; que a crise coronariana é problema complexo demais para ser resolvido apenas por cardiologistas; que a biblioteca é problema complexo demais para ser resolvido apenas por bibliotecários; que o arquivo é problema complexo demais para ser resolvido apenas por arquivistas; e não precisaria me alongar mais para chegar a esta declaração, talvez insólita num congresso como o que hoje aqui se inicia: o museu é problema complexo demais para ser entregue a museólogos.

A própria tipologia museológica parece confirmar, pela sua heterogeneidade, o que acabo de afirmar, sem nenhuma intenção de afronta, pois sei muito bem que a museologia é encarada por todos como ciência interdisciplinar: aos museus de arte, em geral, juntaram-se os de arte medieval, os de arte sacra, os de arte moderna, os de escultura, os de instrumentos musicais, os de literatura; aos de ciências, em geral, os arqueológicos, os mineralógicos, os etnográficos; aos de história, em geral, os limitados a determinados períodos, episódios e personalidades; aos de tecnologia, em geral, os de carruagens, trens, automóveis, aviões, etc.; aos nacionais, os regionais e provinciais; aos instalados em edifícios civis e religiosos, os ao ar livre: botânicos, zoológicos, oceanográficos; sem esquecer os objetos museográficos existentes em bibliotecas e arquivos como, por exemplo, na Divisão de Música da Library of Congress, em Washington, uma coleção de legítimos *stradivarius*.

Ora, dentre as centenas de cursos de graduação e pós-graduação em museologia existentes no mundo, a maior parte prepara museólogos para museus de arte e história. Podem eles reivindicar a direção de museus especializados em outros setores do conhecimento? Em longo verbete que escreveu para a 15ª edição da *Encyclopaedia Britannica*, o museólogo Hugues de Varine-Bohan, que foi diretor do Conselho Internacional de Museus, afirma que não.⁴

Longe de mim a idéia de que os cursos de museologia devem preparar museólogos sem especialização numa ciência ou arte. A desgraça da biblioteconomia brasileira decorre exatamente da falta de bibliotecários especializados, com os bacharéis em biblioteconomia considerando-se capazes de organizar e dirigir bibliotecas de todos os tipos e especializações. O resultado é que não são levados a sério pelas autoridades a que estão subordinados nem pelos usuários das diferentes categorias de bibliotecas. Usuários que chegam, por exemplo — e este ocorreu comigo mesmo — pedindo uma obra de Aristóteles e a pobre da

bibliotecária perguntando pelo sobrenome deste autor. Espero que a calamitosa situação da biblioteconomia nacional sirva de exemplo aos museólogos. O museu — como a biblioteca — é um campo no qual se entrecruzam todos os conhecimentos: os teóricos tanto quanto os práticos e os científicos tanto quanto os humanísticos. Não há por que evitar esse encontro de especialistas, indispensável não apenas na utilização das coleções, mas principalmente em seu planejamento e em sua organização, em sua administração e em seu funcionamento. Trata-se, aliás, de um encontro inexorável. Lutar contra ele “é a luta mais vã”, como diria Carlos Drummond de Andrade. Porque o encontro de especialistas decorre de outro encontro implacável, que é o das especializações: decorre — para usar uma só palavra e esta definitiva — da interdisciplinaridade.

Não há outra solução para uma época de especializações à *outrance*. Unificado até a Idade Média e fraturado a partir do Renascimento — quando sábios como Leonardo Da Vinci, Nicolau de Cusa e Leon Battista Alberti fizeram inúteis esforços pelo restabelecimento do que o primeiro denominou “a Harmonia Universal” — o conhecimento ramificou-se de tal forma que o homem contemporâneo tem de conformar-se, como já foi observado, em saber cada vez mais de cada vez menos coisas. A árvore, tão cara a Raimundo Lúlio, não tem mais condições de representar o conhecimento: há que apelar para o bosque, mas este já não será como o *Boosco Deleitoso* do português petrarquiano, e sim a *selva selvaggia* de que falava Dante: “esta selva selvaggia e aspra e forte / che nel pensier rinova la paura!”.

A explosão dos conhecimentos pode ser comparada à explosão demográfica e resulta, como esta, de um intercurso. Assim, do intercurso da biologia com outras ciências nasceram a bioquímica, a biofísica, a biogeografia, a bioclimatologia, a bioengenharia, a biomecânica, a biônica, etc.; como do intercurso da sociologia com outras ciências surgiram a sociolinguística, a sociobiologia, etc.

Ainda no século XIX alguns intelectuais animados pela nostalgia da unidade perdida, tentaram recuperá-la pelo estudo sistemático de ciências naturais e culturais, tanto quanto pelo cultivo das artes; e também por meio de viagens que os colocavam em contacto com diferentes culturas, em busca de um só princípio para todas as coisas. Estou me lembrando principalmente de um Goethe e de um Alexander von Humboldt. Não incluo nesta linha universalista as tentativas de unificação das ciências que se baseiam num rígido reducionismo, seja ele matemático, lógico-formal, lingüístico, semiótico ou axiomático.

Otto Neurath e outros pensadores do chamado Círculo de Viena chegaram a organizar uma obra de título aliciante: a *International Encyclopedia of Unified Science*, publicada pela Universidade de Chicago a partir de 1958. Mas o que pretendiam era demonstrar, através do que Neurath chama, no primeiro volume da obra, de “integração enciclopédica”, que todas as ciências — naturais e culturais — cabem na camisa-de-força neopositivista. Num aparente paradoxo, podemos dizer que o conceito de enciclopédia, tanto quanto o de universidade, opõe-se ao de interdisciplinaridade. A enciclopédia, como a universidade não é interdisciplinar, mas pluridisciplinar: elas tratam de todas as coisas, sem que possamos distinguir o relacionamento de umas com outras. Elas reúnem, classificam, departamentalizam as ciências e as humanidades: aqui as ciências naturais, ali as

ciências sociais, mais adiante a filosofia, a religião, as letras e as artes. Isto não é interdisciplinaridade, mas apenas multidisciplinaridade.

Ao propor a criação de um Centro de Síntese Interdisciplinar na universidade belga de Gand, o professor Léo Apostel condena vigorosamente o "verbalismo diletante" que se contenta em saber de tudo um pouco. E o professor Guy Michaud, da Universidade de Paris X, esclarece que a interdisciplinaridade "não é somente um conceito teórico: ela é também — e talvez sobretudo — uma prática. (. . .) A interdisciplinaridade não se aprende: ela se exercita".⁵

Em 1965, Gilberto Freyre propunha à Universidade Federal de Pernambuco a criação de um seminário interdisciplinar, inspirado pelo que o professor Frank Tannenbaum organizou e dirigiu, durante mais de vinte anos, na Columbia University, com inovações de ordem temática e estrutural louvadas pelo próprio Tannenbaum. Tendo iniciado suas atividades no ano seguinte, o Seminário de Tropicologia é o primeiro e único fórum interdisciplinar de debates científicos existente na América Latina. Esse seminário foi incorporado pela Fundação Joaquim Nabuco porque a Universidade Federal de Pernambuco desinteressou-se dele, desde que passou a ser dirigida por tecnocratas em vez de *scholars*. Lembro que o seminário interdisciplinar foi definido pela própria Columbia University como "a community of scholars".

O Seminário de Tropicologia é uma instituição comparada por Gilberto Freyre a uma orquestra: significativa comparação, pois como recorda Dorothy Koenisberger, em *Renaissance Man & Creative Thinking*, a idéia da harmonia universal, que vem de Pitágoras e Platão e foi revitalizada pelos neoplatonistas, tanto quanto por alguns humanistas do Renascimento, era de que a ordem cósmica se baseia em princípios geométricos e musicais.⁶

Por este e por outros pioneirismos de Gilberto Freyre é que me permito prestar-lhe uma homenagem, ao fim de um texto em que tanto falei de especialismo e generalismo, sendo ele o maior exemplo americano de conciliação desta e de outras antíteses. Gilberto Freyre é sociólogo, é antropólogo, é historiador social, é pensador, é escritor literário, é pintor, sendo acima de tudo o *uomo universale*, como dizem os italianos que, por isso mesmo, deram-lhe, em 1969, o Prêmio Internacional de Literatura "La Madonnina": está escrito no diploma correspondente à estatueta da pequena madona que o prêmio foi conferido por "incomparável agudeza literária na descrição de problemas sociais, conferindo-lhes calor humano e otimismo, bondade e sabedoria", através de uma obra de "fulgurações geniais".

Além disso, é bom não esquecer que estamos no auditório de um museu concebido por Gilberto Freyre. E concebido não apenas em 1958, quando publicou as "Sugestões em torno do museu de antropologia que se projeta instalar no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais", a que se seguiram, em 1960 e 1979, novas abordagens do assunto.⁷ Sempre que visito o Museu do Homem do Nordeste, lembro-me do conceito de "fato social total" enunciado pelo notável antropólogo Marcel Mauss e que é fundamental para compreensão de seu pensamento gestaltiano. Porque nesse "fato social total" se exprimem, como escreve o próprio Mauss, "ao mesmo tempo e de uma só vez, instituições de todas as naturezas: religiosas, jurídicas, morais, políticas, familiares e econômicas, supondo

formas particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição, sem contar os fenômenos estéticos de que o fato serve de pretexto e os aspectos morfológicos das referidas instituições”.

Mas a obra em que Marcel Mauss explica sua noção de “fato social total” — o *Essai sur le Don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques* — embora divulgada em 1925, somente se consagrou quando incluída na coletânea intitulada *Sociologie et Anthropologie*, publicada em 1950.⁸ O artigo no qual Gilberto Freyre sugere a criação de um museu como é hoje o do Homem do Nordeste teve o mesmo destino: publicado no *Diário de Pernambuco* de 10 de maio de 1925, somente se tornaria conhecido em 1979, quando foram publicados os dois volumes da coletânea *Tempo de Aprendiz*.⁹

Vale a pena reler esse artigo, no qual se sugere um museu como “inventário inteligente, honesto, lógico ao mesmo tempo que cronológico, e sobretudo psicológico, sociológico, artístico das afirmações construtoras; da energia criadora nacional em todas as suas expressões. Inclui as plebéias, As analfabéticas. As rústicas”. Seria um museu — continuo citando o artigo pioneiro de Gilberto Freyre — “que nos recordasse as afirmações mais características da vida colonial: a sua técnica de produção, a de transporte, o mobiliário, os tipos de casa, os costumes de vestir, os aparatos das grandes procissões e festas de igreja”. E ainda nos recordaria “o que nos primeiros séculos da vida pernambucana produziram a ourivesaria e a escultura em madeira e em marfim”, sem esquecer as artes menores: “caseiras ou domésticas, umas, com a do bico e renda pelo processo dos bilros e das almofadas com espinhos de mandacaru; plebéias várias, como a da louça de pau, a da louça de barro, a dos cachimbos, a dos chapéus de palha de ouricuri e das redes de trançado, a dos tamancos, a dos cocos de beber água”, nem as facas-de-ponta de Pasmado, com seus cabos e bainhas de “esquisito lavor”.

Mas — dirá algum medíocre, com aquela incapacidade para admirar que é própria da mediocridade — Gilberto Freyre já tem oitenta e dois anos cheios de glórias, como, além do mencionado prêmio “La Madonnina”, o Aspen que é o Nobel dos Estados Unidos, doutoramentos *honoris causa* por Colúmbia, Sorbonne, Sussex, Munster e Coimbra; título de *Sir* — “Cavaleiro-Comandante do Império Britânico” — conferido não por motivos econômicos ou políticos, mas por mérito cultural; participação, por escolha da Unesco, no conclave de apenas oito pensadores discutindo em Paris “tensões que geram guerras”; e várias outras distinções internacionais.

Nenhuma delas impede seja ele homenageado em seu país — de cuja cultura é o intérprete máximo — na região que imortalizou em páginas de prosa poética da obra *Nordeste*, publicada em Paris, por Gallimard, como *Terre de Sucre*, nas cidades do Recife e Olinda, também imortalizadas em guias práticos, históricos e sentimentais, no centro de pesquisas que fundou para comemorar o centenário do nascimento de Joaquim Nabuco, neste museu com o qual sonhou em 1925 e é um dos produtos de sua incessante criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ADLER, Mortimer J. "Knowledge become self-conscious". In: *The New Encyclopaedia Britannica*. 15. ed. Chicago, 1974, *Propaedia*, p. 692-693.
- 2 MOLES, Abraham & ZELTMAN, Claude. "Musée". In: Moles, A. & ZELTMAN, C., ed. *La communication*. Paris, Denoel, 1971, p. 405-409 (Les dictionnaires du savoir moderne)
- 3 GEDDES, Sir Patrick. *Apud* Briggs, Asa & Michaud, Guy. "Problèmes et solutions". In: Centre pour la Recherche et l'Innovation dans l'Enseignement. *L'interdisciplinarité; problèmes d'enseignement et de recherche dans les universités*. Paris, Organisation de Coopération et de Développement Économiques, 1972, p. 191-265 (a citação de Geddes está à p. 230).
- 4 VARINE-BOHAN, Hugues de. "Museum". In: *The new Encyclopaedia Britannica*. 15 ed. Chicago, The University of Chicago, 1974, *Macropaedia*, v. 12, p. 649-662
- 5 APOSTEL, Léo. "Un Centre de Synthèse Interdisciplinaire". In: Centre pour la Recherche et l'Innovation dans l'Enseignement. *op. cit.* (nº 3) p. 275-290. Michaud, Guy. "Concluions générales". Idem, p. 293-300.
- 6 KOENISBERGER, Dorothy. *Renaissance man and creative thinking; a history of concepts of harmony, 1400-1700*. Sussex, The Harvester Press, 1979. 282 p. (cf. especialmente p. 173 e segs).
- 7 FREYRE, Gilberto. "Sugestões em torno do museu de antropologia que se projeta instalar no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais". *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais* (Recife) v. 7, p. 5-16, 1958. *Sugestões em torno do Museu de Antropologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*. Recife, Imprensa Universitária, 1960. 41 p. *Ciência do Homem e Museologia*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979. 54 p. (Série Documentos, 14)
- 8 MAUSS, Marcel. *Sociologia et anthropologie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
- 9 FREYRE, Gilberto. "A propósito de artes retrospectivas". Em seu: *Tempo de aprender*. São Paulo, IBRASA, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1979, v. II, p. 158-160.

